

Minha Passagem pelo Movimento de Crescimento de Igrejas

Phil A. Newton

Há pouco tempo, um amigo ouviu este admirável comentário de um membro de uma grande igreja evangélica que está crescendo rapidamente: “Temos um pastor maravilhoso! Ele realmente prega a Palavra; fala contra o pecado, chamando-o pelo seu nome”. Quando meu amigo perguntou sobre o conteúdo doutrinário das mensagens (“O pastor fala sobre doutrinas como regeneração, justificação, redenção, santificação e outras semelhantes?”), a enfática resposta foi: “Não, ele não prega a respeito *desse* tipo de coisas!”

Como podemos harmonizar uma *igreja crescente* com a *falta de ensino doutrinário na pregação*? Se doutrinas não estão sendo ensinadas, qualquer igreja pode considerar que está em harmonia com o padrão do Novo Testamento? Esta era a situação em que eu me encontrava há alguns anos passados.

Retornando à Escola

Em meu terceiro pastorado, senti-me desanimado diante da falta

de crescimento numérico em nossa igreja. Havia participado de conferências e seminários que promoviam *crescimento, crescimento, crescimento* como o objetivo final para os pastores. Ouvi pastores respeitados em nossa denominação e, com frequência, desejava que a minha igreja tivesse o mesmo tipo de crescimento que as igrejas deles haviam experimentado. Por fim, meu desânimo levou-me a agir. Após algumas mudanças radicais na organização de nossa própria igreja, vi o número de membros aumentar. Estava satisfeito e motivado para buscar mais crescimento. Não sou muito a favor de realizar as coisas pela metade; por isso, concluí que a melhor mudança a fazer seria estudar o *crescimento de igreja*, em sua fonte, o Seminário Teológico Fuller, em Pasadena (Califórnia).

O primeiro seminário, de duas semanas, incluso no programa de Bacharel em Ministério, no Fuller, foi ministrado por C. Peter Wagner, o principal porta-voz do Movimento de Crescimento de Igrejas. Este

havia sido missionário na América do Sul e retornou à universidade em que estudara para ensinar juntamente com o falecido Donald McGavran. Enquanto McGavran, que fora missionário na Índia, é bem conhecido como o “pai do Movimento de Crescimento de Igrejas”, Peter Wagner certamente possui o título de ser o melhor proponente desse Movimento. Em preparação para este seminário, li diversas obras escritas por Wagner e por outros autores do Movimento. Achei Wagner um professor interessante que se apresentava bem, alguém capaz de produzir animadas discussões em sala de aula. Munido de transparências e grande quantidade de anotações, Wagner começou a esclarecer aos alunos os princípios básicos do Movimento.

O pragmatismo pode resultar em crescimento numérico, mas não pode regenerar um homem incrédulo.

Percebi que estava aceitando cada palavra falada na aula, embora, às vezes, ficasse apreensivo diante de algumas afirmativas. Wagner jamais recuava quando, na classe, era confrontado por causa de discordâncias, ainda que estas fossem freqüentes. Ele afirmava que as críticas e a correção eram bem-vindas para o Movimento de Crescimento de

Igrejas, pois constituíam a melhor maneira de aprimorá-lo.

Continuei meus estudos, no Fuller, com grande ênfase em crescimento e implantação de igrejas. Mais da metade do tempo de nossa aula dedicava-se a estudar o crescimento de igreja. Wagner ministrava as principais aulas; o outro professor era John Wimber, o fundador das igrejas Vineyard. Este ensinava sobre o controverso assunto de “sinais e maravilhas” e sua relação fundamental no crescimento de igreja. Por ocasião de minha formatura, estava completamente encharcado com a “filosofia do Movimento de Crescimento de Igrejas” e a ampla influência deste sobre o evangelicalismo.

Muito do que aprendera era simplesmente trivial. Detalhes acerca do estacionamento, preparo de equipe adequada, localização, otimização no uso de equipamentos, treinamento de liderança leiga, utilização de dons espirituais e diagnóstico de fraquezas de igrejas constituem assuntos que podem ser facilmente encontrados em livros sobre crescimento de igrejas. Este ensino pode tornar-se útil a qualquer líder de igreja. As igrejas devem ter sabedoria para avaliarem por si mesmas.

O Movimento de Crescimento de Igrejas também fornece uma boa análise sobre a fraqueza das cruzadas evangelísticas e sobre a grande eficácia do evangelismo pessoal. Coloca ênfase sobre alcançar os “campos que estão brancos para a ceifa”, em esforços

para atingir os perdidos e fazer as igrejas crescerem. Uma intensa ênfase sobre “fazer discípulos”, em contraste com o simples “evangelizar”, ajuda a corrigir a atitude de inchar o rol de membros da igreja com pessoas não-convertidas. As estatísticas fornecidas pelos líderes do Movimento podem dar às igrejas uma melhor assimilação da necessidade espiritual dos povos.

Pouco a pouco, comecei a perceber as falhas em meu próprio ministério e em todo o Movimento de Crescimento de Igrejas.

Embora tenha encontrado muitas idéias úteis ao estudar sobre o Movimento de Crescimento de Igrejas, também percebi que estava envolvido em uma “mentalidade” cujo preço comprovou-se elevado. Edificar uma igreja seguindo os “princípios do Movimento de Crescimento de Igrejas” significava anuência ao *pragmatismo*, ao invés de ao cristianismo bíblico. O pragmatismo pode resultar em crescimento numérico, mas não pode regenerar um homem incrédulo. Na qualidade de pragmatista, estava interessado em descobrir métodos e artifícios que *produziriam* crescimento e em utilizá-los plenamente em nossa igreja. Mesmo acreditando na pregação expositiva, diminuí a exposição da Palavra e segui com

intensidade o apelar às *necessidades sentidas* da comunidade. Isto era justificável (ou assim eu pensava), pois estaria construindo uma grande igreja.

Reconsiderando os Princípios do Movimento de Crescimento de Igrejas

Lembro-me de, em certa noite, ter visitado um estudante de teologia que estivera em nosso culto. Ele perguntou qual era a minha teologia. Respondi: “Tenho uma teologia pragmática. Quero uma teologia que *funciona*”. Mais tarde, fiquei bravo quando um amigo contava-me que aquele estudante lhe dissera após minha visita: “Phil não possui uma teologia”. Infelizmente, ele estava correto e isto mostrava de que maneira eu estava “realizando o ministério”. Pouco a pouco, comecei a perceber as falhas em meu próprio ministério e em todo o Movimento de Crescimento de Igrejas.

No cerne do ensino de Wagner e do Movimento de Crescimento de Igrejas encontram-se *princípios* relacionados ao evangelismo. Wagner tem promovido de modo admirável o trabalho de evangelismo como sendo um dos mais importantes na igreja local. Quando a maneira de pensar de Wagner sobre evangelismo é examinada à luz das Escrituras, surgem algumas questões sérias. Ele divide o evangelismo nas seguintes categorias (*Church Growth: State of the Art*, editado por C. Peter Wagner, com Win Arn e Elmer Towns,

Wheaton, Tyndale House Publishers, 1988, pp. 296-297):

1. **Evangelismo de Presença.** Aproximar-se das pessoas e ajudá-las, fazendo o bem no mundo. Designado evangelismo “1-P”.
2. **Evangelismo de Proclamação.** Apresentar o evangelho; a morte e a ressurreição de Cristo é proclamada; as pessoas ouvem e podem responder. Designado evangelismo “2-P”.
3. **Evangelismo de Persuasão.** Fazer discípulos; enfatiza a importância de não fazer separação entre o evangelismo e o acompanhamento, integrando a pessoa ao Corpo de Cristo. Designado evangelismo “3-P”.

Wagner ressalta que todos os três tipos de evangelismo são importantes, mas o objetivo tem de ser a realização do evangelismo “3-P”. Poucos discordariam do fato que o evangelismo “1-P” não pode adequadamente anunciar o evangelho ao incrédulo; e que sem a *presença visível* daqueles que foram despertados pelo evangelho, todo o outro evangelismo seria anulado.

O maior problema surge no entendimento de Wagner referente ao evangelismo “2-P”. De acordo com a definição, parece ser mais do que uma pregação ou um testemunho verbal dos fatos do evangelho. Por conseguinte, o incrédulo pode determinar se os fatos apresentados são dignos de sua decisão de aceitar o evangelho.

O evangelismo “3-P” constitui o ponto central dos proponentes do Movimento de Crescimento de Igrejas. Realmente envolve tanto a *presença* quanto a *proclamação*, mas isto não é tudo. O evangelista precisa usar todos os meios à sua disposição para *persuadir* o incrédulo a converter-se de seu pecado e crer em Jesus, de modo que torne-se um discípulo. Em suas aulas, Wagner serve-se da palavra grega *peitho* e seu emprego no livro de Atos. Ele cita Atos 13.43; 17.4; 18.4; 26.28 e 28.23-24, onde *peitho* é utilizada como uma referência ao apelo evangelístico. Wagner constantemente retrata esta palavra com o significado de “persuadir”. Portanto, o evangelismo adequado é o *evangelismo de persuasão*.

O Novo Testamento está repleto de passagens referindo-se ao trabalho de evangelismo.

Existem vários problemas na dedução de Wagner extraída destas passagens do livro de Atos. Em primeiro lugar, não é sábio elaborar uma teologia sobre uma parte histórica das Escrituras, a menos que não haja quaisquer passagens didáticas ou instrutivas falando sobre aquele assunto. O Novo Testamento está repleto de passagens referindo-se ao trabalho de evangelismo. A mais notável é a evidente explicação do apóstolo

Paulo sobre o seu método de evangelizar: “*Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O JUSTO VIVERÁ POR FÉ*” (Rm 1.16-17). Paulo declarou que o evangelho é bastante adequado por meio da obra do Espírito Santo em trazer o homem a um salvífico conhecimento de Cristo.

Os primeiros discípulos jamais anunciaram insensivelmente o evangelho!

Em 1 Coríntios 2.4-5, Paulo destacou que procurava anunciar o evangelho no poder do Espírito Santo, ao invés de utilizar as técnicas comuns que os gregos empregavam para controlar a mente — “*A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva [peitho, no grego] de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus*”. Paulo também argumentou que os cristãos devem viver de tal modo a realidade do evangelho, que parecerão como “*luzeiros no mundo*”, isto corresponde ao evangelismo “1-P”, de acordo com a definição de Wagner. Logo em seguida, o após-

to mostra o apropriado método de evangelismo — “*preservando a palavra da vida*”, que mostra o crente na posição de alguém que apresenta (isto é, “*proclama*”) aos homens incrédulos a verdade da Palavra de Deus, a qual outorga vida (Fp 1.15-16).

Em segundo, o fato de Wagner utilizar *peitho* como base para o *evangelismo de persuasão* é extremamente fraco. Limitar esta palavra a apenas um significado demonstra uma falta de entendimento da amplitude da língua grega. Embora *peitho* seja traduzida “*persuadir*”, em diversas passagens, também pode ser melhor traduzida por “*instigar*”, “*convencer*”, “*seduzir*”, “*suplicar*” e, ainda, “*subornar*”, em outros casos. O contexto determina a melhor tradução da palavra.

Os primeiros discípulos... eram apaixonados pela verdade que havia transformado suas vidas.

Lucas, o escritor de Atos, utilizou *peitho* para referir-se a certo tipo de metodologia persuasiva usada por Paulo ou outros dos primeiros discípulos? Obviamente, Lucas jamais desejaria empregar manipulação, artimanha ou engano na obra de evangelismo (ver o uso de *peitho* em Atos 12.20, 14.19 e 19.26, onde as idéias de

“seduzir” e “subornar” são transmitidas no texto grego desses versículos). Fazer isto seria negar a necessidade da obra do Espírito Santo, a qual precisa estar no centro do verdadeiro trabalho de evangelismo (Rm 8.9, 12-17; 1 Ts 1.4-5).

Paulo compreendia que os pecadores compareceriam diante do Deus justo e santo, por isso se esforçava para “conquistar os homens para Cristo”.

Em Atos 13.43, a Bíblia Revista e Corrigida traduz corretamente *peitho* pelo vocábulo “exortar”, mostrando que Paulo e Barnabé utilizaram os melhores poderes de argumentação e seu amor pela verdade, a fim de exortar os ouvintes a “perseverar na graça de Deus”. Em Atos 17.4, “persuadidos” implica em que os tessalonicenses foram convencidos das coisas que Paulo e Silas haviam proclamado. Lucas já havia afirmado que Paulo “arrazoou com eles, acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos” (17.2-3). Essas palavras descritivas demonstram que ocorreu um intenso intercâmbio intelectual, quando os mensageiros utilizaram as provas das Escrituras, uma série

de perguntas e respostas (“arrazoou”, no grego, *dialegomai*), e toda a sua capacidade de questionamento, para convencê-los da verdade. Paulo e seu companheiro, com muito ardor, anunciaram a Palavra de Deus àquelas pessoas incrédulas, apelando, com a verdade, às suas mentes (ver também Atos 18.4 e 28.23, onde *peitho* é mais naturalmente traduzida por “persuadir”).

Em terceiro, a idéia do evangelismo “3-P” sugere que a proclamação no evangelismo “2-P” carece do poder de persuasão. Os primeiros discípulos jamais anunciaram insensivelmente o evangelho! Eles eram apaixonados pela verdade que havia transformado suas vidas. A sua apresentação do evangelho continha uma argumentação consistente e lógica. Eles apelavam à *mente* dos incrédulos, ao invés de procurarem manipular uma “decisão por Cristo”, recorrendo, em primeiro lugar, à *vontade* e às *emoções*. A passagem de Atos 17 mostra isso de maneira conclusiva, assim como toda a narrativa do livro.

Paulo... procurava os perdidos, anunciava-lhes com intenso amor o evangelho, mas dependia do poder do Espírito Santo para salvá-los.

No século 19, Charles Haddon Spurgeon foi conhecido como o

supremo exemplo de um verdadeiro evangelista. O alcance de seu evangelismo tornou-se mais amplo do que o de qualquer outro em seus dias. Ele poderia ter sido acusado de usar de manipulação ou métodos emocionais de evangelismo centralizados no homem. Todavia, ninguém o acusaria de proclamar o evangelho sem amor e persuasão. O próprio evangelho, ao ser anunciado de maneira correta, é *persuasivo!* E este evangelho, quando crido para a salvação, devido à obra de regeneração realizada pelo Espírito Santo, produz verdadeiros discípulos.

O verdadeiro evangelismo se esforça por anunciar, com amor e clareza, todo o evangelho de Cristo, na dependência do Espírito Santo para salvá-los.

Finalmente, ao mesmo tempo em que concordo com Wagner, ao afirmar que temos de ser persuasivos ao apresentar o evangelho, a ênfase dele coloca indevida confiança na habilidade do evangelista para realizar conversões. Tal confiança não corresponde ao ensino das Escrituras (ver 1 Co 2.1-16; cf. também a excelente discussão de Iain Murray sobre este assunto, em *Revival and Re-awakening* [Avivamento e Avivamento], Banner of Truth Trust,

1994, pp. 161, ss.). O apóstolo Paulo estava tão dominado pela certeza do julgamento divino, que afirmou: “Conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens” (2 Co 5.11). O significado natural deste versículo é este: Paulo compreendia que os pecadores compareceriam diante do Deus justo e santo, por isso se esforçava para “conquistar os homens para Cristo”. Ele procurava os perdidos, anunciava-lhes com intenso amor o evangelho, mas dependia do poder do Espírito Santo para salvá-los. Aqueles que o Espírito salvasse inevitavelmente se tornariam parte da igreja visível. O verdadeiro evangelismo se esforça por anunciar, com amor e clareza, *todo* o evangelho de Cristo, na dependência do Espírito para salvá-los. Esse evangelismo resultará na obra de integrar o novo crente à igreja. A disparidade ocorre quando o evangelista considera a si mesmo e aos seus métodos como chaves para a salvação dos homens, ao invés da obra regeneradora da parte do Espírito Santo.

Somente por meio do ato regenerador prove-niente do Espírito Santo, o pecador realmente pode ter uma mudança de natureza;

Wagner fundamenta sua classificação de evangelismo na “Escala de Engel”, que é um “modelo

do processo de decisão espiritual” desenvolvido por James Engel. A escala tem uma série de números negativos e positivos que descreve o processo de evangelismo:

- 8 Consciência de um Ser Supremo, mas não um conhecimento eficaz do evangelho.
- 7 Conhecimento inicial do evangelho.
- 6 Conhecimento dos fundamentos do evangelho.
- 5 Assimilação das implicações do evangelho.
- 4 Atitude positiva para com o evangelho.
- 3 Reconhecimento do problema pessoal.
- 2 DECISÃO DE FAZER ALGO.
- 1 Arrependimento e fé em Cristo.
REGENERAÇÃO — UMA “NOVA CRIATURA”
- +1 Avaliação após a decisão.
- +2 Integração no Corpo
- +3 Início do crescimento informativo e comportamental.

O problema básico na “Escala de Engel” é a reversão da ordem bíblica referente ao *arrependimento e fé em Cristo* e à *Regeneração — uma “Nova Criatura”*. Seguindo a lógica desta escala, alguém poderia imaginar que um pecador precisa apenas começar a entender as implicações fundamentais do evangelho, reconhecer seu “problema pessoal” (uma maneira amena de se transmitir a idéia de “pecado”) e tomar a decisão de ser salvo. Aquilo que Wagner admite concernente à regeneração implica em que um pecador não tem de ser totalmen-

te depravado ou morto em seus delitos e pecados. Ao contrário disso, a regeneração antecede o arrependimento e a fé, conforme está claramente ensinado nas Escrituras, em muitas passagens que falam sobre a regeneração (observe os seguintes versículos que a ela se referem: Tito 3.5, onde o vocábulo grego *paliggenesia* significa “um novo nascimento”; Efésios 2.5 e Colossenses 2.13, *sunezooposen* significa “vivificar juntamente com”; João 3.3 e 5, *gennaio* significa “ser nascido, gerado”; Tiago 1.18 *apekuaasen* significa “dar à luz”, “gerar”).

“Nenhum rio pode, de si mesmo, correr em uma direção mais elevada do que sua nascente...”

A grande premissa de Wagner é esta: se o incrédulo for persuadido a tomar a decisão de se arrepender e crer, *então* será regenerado. A atitude do pecador, por conseguinte, causa a sua própria regeneração. Ele tem a capacidade de fazer uma escolha voluntária e apropriada em relação ao evangelho, se receber *evangelismo de persuasão ou “3-P”*. De que maneira a natureza do pecado o *torna* bastante capaz de arrepender-se e crer? Se o problema espiritual do pecado resulta não somente de seu comportamento pecaminoso mas também de sua natureza corrupta,

concluimos: até que sua natureza seja mudada, ele não *haverá de* arrepender-se e crer; fazer isto será contrário à sua própria natureza. Além disso, como pode um morto vivificar a si mesmo (o que ocorre na regeneração)? Isto é apresentado com clareza em Efésios 2.1-5, onde Paulo afirma duas vezes que a pessoa não-regenerada está morta.

“Se o homem está realmente morto em delitos e pecados, ele é incapaz de manifestar qualquer virtude que contenha, em si mesma, o elemento da verdadeira santidade ou vida espiritual.”

C. R. Vaughan, em *The Gifts of the Holy Spirit (Os Dons do Espírito Santo)*, explica a incapacidade do homem em libertar-se de sua natureza pecaminosa e seguir a fé, o arrependimento e a santidade: “Nenhum rio pode, de si mesmo, correr em uma direção mais elevada do que sua nascente; nenhuma natureza pode transcender a si mesma na manifestação de suas energias. Se o homem está realmente morto em delitos e pecados, ele é incapaz de manifestar qualquer virtude que contenha, em si mesma, o elemento da verdadeira santidade ou vida espiritual” (Banner of Truth Trust, 1984, p. 175).

Contudo, no paradigma de Wagner, o evangelista tenta vencer um pecador a fazer algo que não deseja. Sua natureza exige que ele se rebele contra o evangelho, ao invés de aceitá-lo. Somente por meio do ato regenerador proveniente do Espírito Santo, o pecador realmente pode ter uma mudança de natureza; isto o leva a perceber que está separado de Deus, por causa do pecado, e, em seguida, a apropriar-se da obra propiciatória de Cristo em favor dele, de modo que, com alegria, ele se arrepende e crê em Cristo. Assim como no vale de ossos secos contemplado por Ezequiel, o pecador está morto para as coisas de Deus, até ser despertado pelo Espírito, que outorga a vida, no novo nascimento (compare João 3.1-7 com Ezequiel 37, onde “o Espírito” e “o vento” referem-se à mesma Pessoa divina e sua obra).

A prioridade no evangelismo “3-P”, do Movimento de Crescimento de Igrejas, demonstra que o evangelismo “2-P” não é capaz de realizar a obra. O evangelismo de proclamação apenas abre a porta para fazer a luz do evangelho entrar, de modo que o incrédulo possa ouvi-lo bem, mas fica aquém de se tornar um discípulo. O evangelista tem de utilizar os métodos, as abordagens e as técnicas corretas para realmente fazer um discípulo. Precisa apelar às *necessidades sentidas* do pecador, para que este *se interesse* pelo evangelho. Neste ponto, o Movimento apresenta um amplo conjunto de princípios e axiomas que, em-

pregados corretamente, podem quase garantir os resultados.

O Movimento de Crescimento de Igrejas prosperou fundamentado nesse ponto de vista extremamente arminiano acerca do evangelismo. Seminários, conferências, palestras, livros, módulos com esse tipo de abordagem inundaram o cristianismo evangélico. Os crentes de todas as denominações estão utilizando os princípios do Movimento de Crescimento de Igrejas para conquistar grandes números e estabelecerem igrejas enormes. A *proclamação* da Palavra de Deus não possui mais o lugar central nessas igrejas. O ensino da *sã doutrina* é considerado algo desnecessário e antiquado. Em seu lugar, métodos e grandes realizações se tornaram o atrativo para as pessoas freqüentarem as igrejas e decidirem tornar-se membros delas. Enquanto estas igrejas falam sobre a obra do Espírito Santo, negligenciam sua dependência da obra regeneradora proveniente dEle.

Revolução Teológica

Após concordar com a teologia bíblica dos fundadores de nossa denominação, comecei a duvidar dos princípios do Movimento de Crescimento de Igrejas, os quais eu havia aprendido. Enquanto estudava e pregava expositivamente sobre Efésios, todo o meu conceito acerca daquele Movimento foi estilhaçado pela verdade da Palavra de Deus. Estudando, com intensa meditação, Efésios 1.1-14, durante um período

de dois meses, tive de concordar com algumas doutrinas que, durante alguns anos, eu evitara cuidadosamente. Pensei muito sobre a soberania de Deus e a depravação do homem, crendo nessas verdades tanto quanto podia entendê-las. Porém, deixara de perceber que, se acreditava no ensino bíblico a respeito da soberania de Deus e da total depravação do homem, a conclusão lógica a que eu deveria chegar era o equilíbrio das “Doutrinas da Graça”, que Edwards, Whitefield, Spurgeon, Boyce e outros ensinaram. Qualquer coisa inferior a isso retrataria Deus como alguém não completamente soberano, e o homem, não totalmente depravado.

**Minha teologia
precisava determinar
minha atitudes no
ministério e vida
diária.**

Por conseguinte, deparei-me com a pergunta: se a conversão é totalmente uma obra da graça divina, então quem sou eu para imaginar que minhas técnicas e métodos podem converter uma alma sequer? Compreendi que minha teologia precisava determinar minha atitude no ministério e vida diária ou seria um hipócrita em ambos. Comecei a abandonar a maioria dos ensinamentos que havia recebido em meus anos de estudo no Movimento de Crescimento de

Igrejas (exceto os princípios de bom senso e aqueles apresentados claramente nas Escrituras). Procurei concentrar-me em ensinar a Palavra de Deus, com clareza, pureza e amor, abordando as doutrinas encontradas nos textos dos sermões de cada semana.

Voltei à minha tarefa de pregação com uma nova convicção de pregar “todo o desígnio de Deus”.

Essa radical mudança na teologia aconteceu no outono de 1990. Precisava participar de dois seminários para meu diploma de bacharel, mas alegremente eu os dispensei em troca da bênção de passar quinze meses estudando Efésios. A cada semana examinando o texto grego, lendo Martin Lloyd-Jones, John MacArthur, Leon Morris, John Stott e outros forneceu-me um claro entendimento de toda a gloriosa mensagem de redenção. Voltei à minha tarefa de pregação com uma nova convicção de pregar “todo o desígnio de Deus” (At 20.27). Sabia que nem todos receberiam com satisfação aquilo que eu estava pregando, mas tinha a responsabilidade de, paciente e transparentemente, anunciar a Palavra, deixando o Espírito fazer a obra necessária.

Esta mudança aconteceu com a aprovação de todos em nossa

igreja? Absolutamente, não! Na verdade, descobri uma disposição em muitos que sentiam intenso desejo para que a verdade de Deus fosse proclamada sem apologia ou temor dos homens. Alguns adquiriram uma maravilhosa liberdade de andar na verdade de Deus. Outros lutaram contra a Palavra de Deus, perseverando com firmeza em crenças que haviam sido danificadas pela experiência e pelas tradições.

Descobri que afastar-me das práticas do Movimento de Crescimento de Igrejas, para realizar um ministério de acordo com o legado dos fundadores de nossa denominação, poderia não alcançar as massas (embora esteja orando e esperando para ver muitos virem a Cristo e serem trazidos à igreja). Em alguns casos, realmente enfrentamos oposição. Todavia, a grande motivação do meu coração e mente é que um dia terei de responder ao soberano Senhor pela *maneira como* realizei minha chamada. Minha observação é que muito freqüentemente os pastores conduzem seus ministérios de acordo com as *expectativas* de outros. A pressão exercida sobre os ministros, para que edifiquem igrejas enormes, conquistem grandes números de ouvintes e produzam uma multidão de convertidos constrange alguns a beberem tudo que procede das fontes do Movimento de Crescimento de Igrejas. Quando isso acontece, o ministro inevitavelmente compromete sua responsabilidade de pregar a Palavra e depender da obra do Espírito

Santo. Ele corre de uma técnica para outra, agarrando cada nova idéia vinda dos proponentes do Movimento. Qual é a motivação do ministro do evangelho para fazer tudo o que ele faz? É realmente a glória de Deus e o amor pelo seu reino?

Alguns podem admirar-se de mim e perguntar: “Você acredita em crescimento de igreja?” Com certeza, eu acredito. Desejo muito ver o crescimento realizado pela obra do Espírito Santo e a proclamação fiel da Palavra de

Deus. Porém, se a Palavra e o Espírito não podem realizá-lo, não o quero! De fato, um dia, eu creio, nosso Senhor se deleitará em agir sobre nossa congregação e comunidade com poder, e esse poder despertará os homens. Então, eles saberão que a salvação dos pecadores não vem por meio de nossas técnicas perspicazes, nem por implementarmos os *princípios de crescimento de igreja*, e sim pela soberana graça do todo-glorioso Deus.



Deus não pode enviar a uma nação ou a um povo maior bênção do que dar-lhes ministros fiéis, sinceros e retos, assim como o maior anátema que Deus possa dar ao povo deste mundo é dar-lhes guias cegos, não-regenerados, carnis, mornos e ineptos.

George Whitefield

O fato é que muitos gostariam de unir igreja e palco, baralho e oração, danças e ordenanças. Se nos encontramos incapazes de frear essa enxurrada, podemos, ao menos, prevenir os homens quanto à sua existência e suplicar que fujam dela. Quando a antiga fé desaparece e o entusiasmo pelo evangelho é extinto, não é surpresa que as pessoas busquem outras coisas que lhes tragam satisfação. Na falta de pão, se alimentam com cinzas; rejeitando o caminho do Senhor, seguem avidamente pelo caminho da tolice.

Charles Haddon Spurgeon